

---

## Ruas musicais de Conservatória<sup>1</sup>

Cíntia Sanmartin FERNANDES<sup>2</sup>; Micael HERSCHMANN<sup>3</sup>

### RESUMO:

O ativismo musical tem sido fundamental para a ressignificação da cidade de Conservatória (localizada no Estado do Rio de Janeiro) no imaginário social. Tomando como referência as derivas, corpografias e a cartografia sensível das controvérsias que foram realizadas no vilarejo de Conservatória entre 2010 e 2022 foi possível atestar que a música ao vivo nostálgica que ocupa as ruas dessa localidade tem construído territorialidades sônicas-musicais potentes, de grande capacidade de mobilização social, que tem inclusive impulsionado de forma significativa e exitosa o turismo local há várias décadas: considerada por muitos como a “capital da seresta e da serenata brasileira”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Música Urbana; Ativismo; Nostalgia; Cartografia.

Conservatória, meu amor,  
Quando eu partir, por onde for,  
Hei de lembrar teus violões,  
Tuas estrelas, teu luar (...).  
E quando alguém te visitar,  
Eu acho que debes falar,  
Que eu estou apaixonado (...)  
Eu posso um dia te deixar,  
Mas vou querer levar pra mim,  
Teus violões, tua seresta,  
E o teu jardim.  
Se não puder, quero ficar,  
Para amar teu céu,  
Beijar teu chão,  
Conservatória,  
Onde perdi meu coração  
(Canção para Conservatória, Guilherme de Brito)

### INTRODUÇÃO

O que mais impressiona na pequena cidade de Conservatória é que se edificou ao longo de algumas décadas o imaginário de um “lugar mágico”, espécie de “Shangri-la

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, no XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Associada da FCS/UERJ e do PPGCOM da UERJ, onde também dirige o Grupo de pesquisa Comunicação Arte e Cidade, Pesquisadora CNPq e Prociência, e-mail: cintiasan90@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor Titular da ECO/UFRJ e do PPGCOM da UFRJ, onde também dirige o grupo de pesquisa NEPCOM, Pesquisador CNPq e FAPERJ, e-mail: Micael.herschmann@eco.ufrj.br.

tropical”: para a grande maioria das pessoas entrevistadas ao longo de nossas experiências em campo, esse vilarejo é considerado uma espécie de “refúgio nas montanhas”, um lugar de partilha de um tempo lento onde é possível viver um estilo de vida desacelerado distante do ritmo de vida frenético das metrópoles contemporâneas marcado pela intensificação dos choques e dos estímulos nervosos (SIMMEL, 1976). Como será detalhado e analisado ao longo de nosso artigo, esse imaginário vem sendo sedimentado há mais de setenta anos e foi ganhando forma e força devido às experiências musicais que envolveram toda comunidade. Essa comunidade emocional - fundada na experiência musical compartilhada entre habitantes e habitués - dá-se a ver na prática de um “ativismo musical” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014) em forma de cortejo, rodas e concertos pelas ruas do vilarejo.

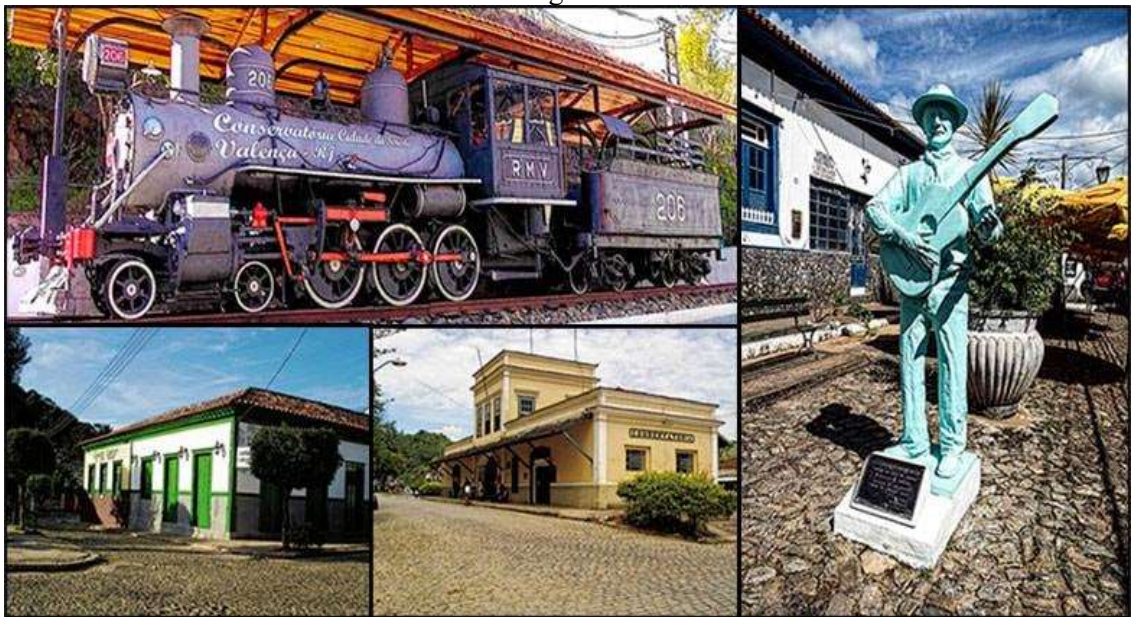
Ao caminhar pelo vilarejo, localizado na parte sul do Estado do Rio de Janeiro (no Brasil), entramos em contato com um conjunto de gêneros musicais reunidos especialmente sob a rubrica da “serenata” com “atmosferas” (BERQUE, 2000) que remetem a uma “época de ouro da música romântica brasileira mais tradicional” (RIBEIRO, 2010, p. 76). Ou seja, vêm se construindo ali “ambiências compartilhadas” (THIBAUD, 2013) que evocam “emoções” (ELIAS, 1993) e sentimentos “nostálgicos” (REYNOLDS, 2011), de certa forma reinantes neste lugar, transformando-o em um “alto lugar” como sugere Maffesoli (2007). “Seguindo os rastros” dos praticantes da cidade (LATOURE, 2012), o que se observa é o desejo dos atores em “performar” (TAYLOR, 2013) e reconstruir esse “passado no presente” (HUYSSSEN, 2014). Aliás, essa atitude emocional é reiterada no próprio nome do vilarejo, Conservatória.

Qualquer visitante que chega em Conservatória e passa a semana na cidade nota que a rotina da localidade pode ser dividida em dois períodos extremamente distintos. De segunda a quinta-feira, parece ser um lugar como outro qualquer, pacato como são as pequenas cidades do interior do Brasil, marcadas pelo aspecto rural. Entretanto, a partir da sexta-feira e até domingo, o cenário se transforma de cidade pacata do interior em uma “cidade musical” (FERNANDES e HERSCHMANN, 2018) efervescente acolhendo regularmente um número expressivo de visitantes interessados especialmente nas atividades musicais públicas e de grande mobilização social, que constroem ali “paisagens sonoras” (SCHAFER, 1993) mobilizadoras, sedutoras e potentes.

Desse modo, nos finais de semana, caminhando pelo centro deste vilarejo, o visitante tem a sensação de que a música parece estar em todos os lugares: “(...) nos bares

e pousadas, nas casas e nas ruas. A atmosfera musical do lugar reflete-se em nomes dados aos estabelecimentos locais, como, por exemplo, Restaurante Dó-Ré-Mi, Restaurante Recanto dos Artistas, Pousada Chão de Estrelas, Pousada Sol Maior, Padaria Lua Branca, Drogeria Melodia e Ateliê Casa do Poeta” (RIBEIRO, 2010, p. 148). A experiência musical, misturada à beleza da arquitetura de suas casas coloniais e das antigas fazendas de café senhoriais preservadas, constrói um outro tempo-espaço (ou territorialidades) – que remete a outras épocas passadas, marcadas pelas sociabilidades e dinâmicas de “homens lentos” (SANTOS, 1994) –, tendo sido inclusive frequentemente utilizada de forma oportuna pelos produtores de material audiovisual como locação e cenário para realização de filmes, telenovelas e séries que se passam em tempos e séculos passados.

Fig. 1: Cartão postal vendido nas lojas da região que retrata a ambiência nostálgica da cidade



Fonte: acervo de pesquisa dos autores

## IMAGINÁRIO MÁGICO E AMOROSO

O imaginário de Conservatória foi se desenhando e se fortalecendo no engajamento de músicos, habitantes e visitantes que na prática de ativismos ou “artivismos urbanos” locais (FERNANDES *et al.*, 2022), especialmente do chamado “movimento seresteiro” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014), evocaram a potência do amor e da cordialidade como estilo de vida do lugar. Conforme Ribeiro assinala:

---

A demanda por eventos humanizados evocativos do amor e da nostalgia em detrimento do lazer ou entretenimento globalizado pela mídia (...) a calma da cidade e a cordialidade das pessoas de Conservatória também são objeto de estranhamento e sedução (...) e os atores preocupam-se em manter o caráter de celebração das apresentações musicais que deram origem à atual atmosfera do lugar que se autodenominou Capital Brasileira da Seresta e da Serenata (RIBEIRO, 2010, p. 147).

No vilarejo é comum haver apresentações gratuitas de grupos musicais ou cantores acompanhados de violão pelas ruas ou em espaços fechados. É possível encontrar também músicos em hotéis, bares e restaurantes tocando profissionalmente, bem como artistas que oferecem CDs ou DVDs artesanais com músicas dos concertos ao vivo, que circulam como suvenires dessa experiência. Contudo, a prática recorrente em Conservatória é marcada especialmente pela relação não exatamente mercantil com a música: como será problematizado mais adiante, a música em Conservatória é vivida como um conjunto de práticas “apaixonadas e amadoras”, de pessoas engajadas e entusiastas por aquelas “ambiências sonoras” (THIBAUD, 2013).

Considerada pelos entrevistados como uma “cidade criativa” (REIS, 2012; FERNANDES e HERSCHMANN, 2018), Conservatória continua a ter no turismo que gravita em torno da música ao vivo um elemento fundamental de desenvolvimento local. A articulação de iniciativas de ocupação de rua oferecidas gratuitamente ao público – associadas a certo ativismo musical – e outras mais institucionalizadas (algumas dessas que inclusive comercializam esse tipo atividade) vem permitindo a implementação de dinâmicas colaborativas e a construção de diversas e recorrentes “territorialidades sônico-musicais nostálgicas e potentes” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014)<sup>4</sup> que, para além de possibilitar os encontros festivos, contribuem para os resultados positivos alcançados pelas iniciativas turísticas.

Analisando retrospectivamente a trajetória da localidade constata-se, por um lado, que em um primeiro momento (por um longo período, de mais de sete décadas), especialmente o movimento seresteiro garantiu – quase que de forma exclusiva – a esta localidade um significativo diferencial competitivo no cenário turístico nacional (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014); e, por outro lado, mais recentemente (especialmente nos últimos anos), temos assistido a um processo de diversificação das

---

<sup>4</sup> Com esta noção busca-se valorizar a importância da música e das inúmeras sonoridades presentes no cotidiano das cidades para os processos de reterritorialização que vêm sendo realizados pelos atores pesquisados. Muitas vezes a decisão da área que será ocupada com música leva em conta não só a circulação dos atores, mas também o fluxo e a intensidade dos fluxos sônicos do local (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014).



atividades musicais neste território, entrando em cena também iniciativas coletivas e engajadas associadas ao Chorinho, a Bossa Nova e o Samba, isto é, gêneros que vêm compensar certa saturação e enfraquecimentos do movimento Seresteiro na região.

Portanto, a singularidade das articulações em torno da música em Conservatória tem sido o grande diferencial que impulsiona e atrai regularmente uma população flutuante de aproximadamente duas mil pessoas que passeiam na cidade, todos os fins de semana, em busca de um ambiente musical caracterizado por intensa carga emocional: que aciona as músicas sobre os corpos como uma espécie “tecnologia do self” (DENORA, 2000) e processos mnemônicos, os quais resultam em geral em experiências muito estimadas e valorizadas pelos frequentadores (ELIAS, 1993; BRETON, 2021).

Fig. 2: Serenata em Conservatória que mobilizam intensamente os ativistas e turistas



Fonte: acervo fotográfico dos atores

Vale destacar que nos trabalhos de campo realizados (entre 2010 e 2022)<sup>5</sup> foi possível verificar que o visitante eventual ou corriqueiro do vilarejo – seja ele músico amador/profissional ou não – segue sendo encorajado a participar de cortejos, rodas e concertos musicais e que isso continua sendo uma prática relevante para a potência dessa

<sup>5</sup> Segue alguns esclarecimentos metodológico: parte-se da convicção de que a “cartografia das controvérsias” proposta pela Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012; LEMOS, 2013) e realizada aqui se constitui em uma metodologia relevante e rica para as investigações dos processos sociocomunicativos nas cidades. Buscou-se na pesquisa que fundamenta este artigo realizar: inúmeras entrevistas semiestruturadas, conversas formais e informais e observações de campo. Expressa-se aqui o nosso agradecimento ao CNPq, CAPES e FAPERJ pelo apoio concedido a esta pesquisa.

---

experiência musical/turística e, evidentemente, é parte de um conjunto de “astúcias e táticas” (DE CERTEAU, 1994) significativas que permitem não só a sensibilização de novos frequentadores/consumidores, os quais passam a ser convertidos em entusiastas da ambiência sonora do lugar, mas vem possibilitando também a necessária incorporação de novos atores engajados.

Pode-se afirmar acertadamente que ao se consumir esses estilos de vida nostálgicos – que tem como epicentro dessa experiência músicas “brasileiras” consideradas pelos entrevistados como “de raiz” – os visitantes, em sua maioria da terceira idade, consomem diversos produtos e serviços típicos de entretenimento, vendidos em geral como parte da experiência turística local. É justamente essa articulação exitosa entre os ativismos musicais acionadores de um imaginário humanizado evocativo do amor e da nostalgia e a dinâmica mais mercantilizada dos profissionais do comércio da localidade que torna esse estudo de caso tão relevante na história da economia da cultura do país.

## **EMOÇÕES QUE TRANSBORDAM PELAS RUAS**

Conservatória é um distrito do município de Valença, localizado ao sul do estado do Rio de Janeiro, na região do Médio Paraíba. Tornou-se conhecido como instância turística desde o último quartel do século XX. Nesta localidade, a prática da seresta<sup>6</sup> não só foi “preservada”, mas especialmente estimulada por meio de um movimento cultural peculiar. Esta microrregião só não vivenciou a crise e a decadência econômica que caracterizaram os sítios urbanos do Vale do Paraíba e o fim do Ciclo do Café porque, a partir da década de 1950, passaram a ser realizadas, de forma mais sistemática, as primeiras serestas e serenatas na região, as quais foram, aos poucos, ganhando mais adesão do público. Como já foi ressaltado, isso representou a criação de “externalidades” (LAZZARATO, 2003) que permitiram à cidade se destacar pela proliferação de atividades econômicas ligadas ao turismo e ao lazer, com geração de renda: portanto, esse território foi pouco impactado pelos graves efeitos recorrentes gerados pelas crises econômicas que afetaram o país nas últimas décadas. Para que se tenha uma ideia, com uma população de aproximadamente 4 mil habitantes, essa localidade movimenta com o

---

<sup>6</sup> Esse estilo musical que marcou fundamentalmente a primeira metade do século XX no país. O termo “serenata” ou mesmo “seresta”, no imaginário popular, engloba um vasto repertório romântico que abarca os seguintes gêneros musicais: valsas, choros, modinhas, canções e sambas-canção (TINHORÃO, 1998).

turismo em média 60 milhões de dólares por mês; destes, mais de dois terços são gerados pelos chamados ativismos musicais, os quais são realizados sistematicamente nos fins de semana nas ruas, em instituições públicas, em hotéis e nas ocasiões festivas previstas no calendário da cidade<sup>7</sup>, em grande parte apoiado pela associação comercial da região.

Nos depoimentos colhidos sobre a história da localidade quase sempre as narrativas remetem a presença e liderança dos irmãos José Borges Freitas e Joubert de Freitas no vilarejo a partir dos anos de 1950, frequentemente considerada pelos atores locais como um marco fundador da construção espontânea e democrática do circuito da seresta em Conservatória. Outros relatos sugerem também outro momento histórico importante (que teria sido na década de 1960), que foi quando se criou o Museu da Seresta e da Serenata – tradicional ponto de encontro do movimento – quando esse movimento musical passou a ganhar os contornos que mantém até hoje.

Fig. 3: Museus da Seresta e Serenata de Conservatória



Fonte: acervo fotográfico dos autores

<sup>7</sup> Além das famosas serestas e serenatas, crescentemente na localidade é possível encontrar também nos cortejos, rodas, concertos e festas que envolvem outros gêneros de “música de raiz” – tais como Samba, Choro e Bossa Nova - que ocupam espaços privados e públicos da cidade no período da manhã e da noite, nos finais de semana. Assim, como eventos semanais que ocorrem no vilarejo temos: as Serenatas, as “Solaratas” (neologismo que faz referência a serenata realizada à luz do dia, mas que promove outros tipos de música) e o som na pracinha (dedicados aos repertórios de músicas de Samba, Bossa Nova e algumas canções antigas de MPB), e o choro na praça (realizado na praça principal no sábado pela manhã na praça). Além disso, as principais festas geralmente programadas na cidade têm sido as seguintes: Aniversário dos Seresteiros, Encontro dos Seresteiros, Aniversário do Chorinho, Carnaval Antigo, Noite da Bossa Nova e Encontro de Corais (disponível em: <<https://peroladovalebarradopirai.comunidades.net/calendario-de-eventos-conservatoria-2019>>, acesso em: 20/05/2019).

Cabe ressaltar ainda que foi também na década de 1960 (idealizado pelos irmãos Freitas) que a memória seresteira ganhou as ruas do vilarejo com o “Projeto Conservatória – em toda casa uma canção”: quando em todas as casas da cidade passaram a ser instaladas placas alusivas às músicas cantadas nas serestas e serenatas.

Fig. 4: Projeto Conservatória – em toda casa uma canção



Fonte: acervo fotográfico dos autores

Evidentemente, há outros aspectos, para além da música, que tornam esse vilarejo um local atraente especialmente para um público mais idoso. Segundo os atores, menciona-se a “proximidade de uma importante metrópole do país como Rio de Janeiro”, a “tranquilidade do lugar”, “presença mais intensa do verde”, “possibilidade de resgate de um cotidiano não marcado pelo medo da violência e tensões que caracterizam as grandes cidades brasileiras”. Analisando a história do distrito, é possível constatar que nos anos 1970 foram abertos os primeiros restaurantes, pousadas e hotéis-fazenda e passaram a ser oferecidas inclusive inúmeras atividades típicas de ecoturismo (formando as bases da infraestrutura turística atual). Hoje, além dos atrativos turísticos comuns em cidades pequenas (tais como a igreja matriz de Santo Antônio, a antiga estação ferroviária e as fazendas do ciclo do café que atualmente são abertas à visita) e de duas casas de espetáculo muito dinâmicas (Espaço Sonora e Instituto Waldir Azevedo); esse território



conta também com diversos acervos de importantes compositores brasileiros (com coleções de fotografias, discos, troféus, roupas), a grande maioria doada pelas famílias dos artistas. Idealizados pelos atores locais (e com pouco apoio da prefeitura de Valença), foram criados os museus Vicente Celestino, Sílvio Caldas, Guilherme de Brito, Gilberto Alves e Nelson Gonçalves (salienta-se que estes espaços ampliaram a oferta de atividades culturais e entretenimento na região, especialmente no período da manhã). Evidentemente, o êxito de Conservatória atraiu o interesse de técnicos e consultores do poder público que identificaram nesta localidade um caso em que a “economia da cultura” (PRESTES FILHO *et al.*, 2002) foi capaz de alavancar o desenvolvimento local. Técnicos ligados ao poder público passaram a avaliar o que estava ocorrendo nesta microrregião a partir de uma ótica, ou melhor, de uma “razão instrumental”, que, em geral, identifica em Conservatória mais uma experiência exitosa exclusivamente pelo “associativismo”: similar à ocorrida em outras cidades do mundo e fartamente descrita na literatura que analisa a trajetória de outras cidades criativas. Parte-se aqui da premissa de que para um melhor entendimento deste estudo de caso, é necessário que se levem em conta também a “razão sensível” (MAFFESOLI, 1998), isto é, os fatores estéticos e comunicativos que fundamentam a mobilização e a sociabilidade – marcada por uma forte emoção – dos militantes (ou mesmo dos simpatizantes) e visitantes no cotidiano de Conservatória.

Poder-se-ia afirmar que boa parte dos consumidores e frequentadores regulares de Conservatória busca vivenciar ali experiências que giram em torno do universo da seresta e de modo geral da “chamada música de raiz” (PEREIRA, 2003), isto é, vão ali participar ativamente de eventos em que cantam, tocam e assistem a execuções musicais que acionam um conjunto de gêneros musicais considerados por eles “autênticos” (FREIRE FILHO, 2003). Outro fator fundamental que explicaria o êxito alcançado pelo distrito está relacionado à experiência sensorial, espetacularizante, produzida na localidade: apesar de estar na periferia da indústria da música e de não se legitimar perante o seu público enquanto modalidade *mainstream* do mercado cultural, as atividades musicais desta microrregião acabam gerando produtos e serviços típicos da cultura do entretenimento atual.

O diferencial de Conservatória é que a cidade é uma espécie de capital da música brasileira ao vivo, cantada e tocada por amor à música e nas ruas. (...) O movimento seresteiro é feito basicamente por amadores, por aficionados, com a presença de muitos participantes que são até meio desafinados. Isso não importa e não tira a força do movimento, a sua capacidade de emocionar os visitantes. A

---

nossa vida é dedicada a celebração da serenata e seresta (...). A maioria dos turistas reclama se num fim de semana chove ou acontece alguma eventualidade que impede de realizar a seresta ou a serenata. Muitos se dirigem a nós exigindo a realização do evento como se fôssemos funcionários dos hotéis ou mesmo da prefeitura. Eles não sabem que se trata de um movimento independente, feito com paixão pelo grupo. (...) Portanto, somos contra a profissionalização dos seresteiros, pois se as pessoas envolvidas recebessem pagamentos, provavelmente Conservatória se igualaria a outras tantas cidades que existem pelo país, onde os músicos recebem para se apresentar e incrementar o turismo e comércio da região. Ou seja, este movimento mágico acabaria e certamente a maior parte dos turistas deixaria de visitar o lugar (...). Em resumo, é um movimento espontâneo, em que as pessoas se sentem compromissadas em estar aqui todos os fins de semana<sup>8</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível constatar, partiu-se neste artigo do pressuposto de que o ativismo musical tem sido fundamental para a ressignificação da cidade de Conservatória no “imaginário social” (LEGROS, 2007). Assim, tomando como referência as “derivas, corpografias” (JACQUES, 2012) e a “cartografia (sensível) das controvérsias” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2023) que foram realizadas no vilarejo de Conservatória entre 2010 e 2022 foi possível atestar que a música ao vivo nostálgica que ocupa as ruas dessa localidade tem construído “territorialidades sônicas-musicais” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014) potentes, de grande capacidade de mobilização social, que tem inclusive impulsionado de forma significativa e exitosa o turismo local há várias décadas (considerada por muitos como a “capital da seresta e da serenata brasileira”).

Em outras palavras, ao que tudo indica o diferencial de Conservatória, frente a maioria das cidades brasileiras, está relacionado a sua capacidade de oferecer a um público significativo um ambiente musical capaz de gerar “experiências memoráveis” (PINE e GILMORE, 2001). Ou seja, as experiências musicais identificadas a um universo simbólico mais tradicional e a um “passado considerado como de ouro ou idílico” (REYNOLDS, 2011, p. 13), aliada à atmosfera especial gerada pela arquitetura colonial do centro histórico local, continuam se constituindo em ingredientes cruciais capazes de seguir seduzindo e mobilizando relevantes segmentos de público da terceira idade ainda por muito tempo.

---

<sup>8</sup> Entrevista com Ailton Rodrigues, uma das lideranças do Movimento Seresteiro, concedida à pesquisa no dia 20 de janeiro de 2019.

---

Para finalizar pode-se afirmar que os atores do vilarejo de Conservatória seguem apostando na sinergia territorial produzida entre dinâmicas colaborativas (as quais que envolvem comerciantes, artistas, lideranças políticas, produtores culturais, donos de pousadas e hotéis) e as *música nas ruas*: isto é, apesar das crises e adversidades enfrentadas pelo país na sua história recente, os atores (sejam militantes ou visitantes) seguem construindo experiências culturais envolventes que a grande maioria de certa maneira descreve como uma espécie de “heterotopias”<sup>9</sup>. Em suma, a pesquisa em curso indica que as ambiências musicais, ou melhor de territorialidades sônico-musicais de tom nostálgicos e mágico, especialmente as que ocupam as ruas de Conservatória regularmente nos finais de semana, são fruto da trama emocional tecida no vilarejo nas últimas sete décadas.

## REFERÊNCIAS

- BERQUE, A. *Écoumène*. Paris: Berlin, 2000.
- BRETON, D. *Antropologia das Emoções*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DENORA, T. *Music and Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FERNANDES, C. S. *et al.* (orgs.). *Artivismos Urbanos*. Porto Alegre: Sulina, 2022.
- FREIRE FILHO, J. A sociedade do espetáculo revisitada. In: *Revista Famecos* Porto Alegre: PUC-RS, v. 10, n. 22, 2003.
- HERSCHMANN, M.; FERNANDES, C. S. *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed. INTERCOM, 2014.
- HERSCHMANN, M.; FERNANDES, C. S. *Cidades Musicais do Estado do Rio de Janeiro*. Porto Alegre: Sulina, 2023.
- HUYSSSEN, A. *Culturas do passado-presente*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- JACQUES, P. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LATOURE, B. *Reagregando o social*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LAZZARATO, M. *et al.* *Capitalismo Cognitivo*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- LÉFÈBVRE, H. *Direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2009.
- LEGROS, Patrick *et al.* *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- LEMOS, A. *Comunicação das coisas*. São Paulo: Annablume, 2013.

---

<sup>9</sup> Emprega-se aqui a noção de heterotopias não exatamente no sentido foucaultiano – como conjunto de práticas, na maioria das vezes, a serviço do “biopoder” – e mais no sentido utilizado por LÉFÈBVRE (2009) como iniciativas e experiências potentes e transformadoras.

- MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.
- PEREIRA, C.A.M. **Cacique de Ramos**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.
- PINE, J.; GILMORE, J. **O espetáculo dos negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- PRESTES FILHO, L. C. *et al.*(orgs.). **Economia da cultura**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.
- REIS, A. C. **Cidades Criativas**. São Paulo: SESC, 2012.
- REYNOLDS, S. **Retromania**. Roma: Isbn e Guidemoizzi, 2011.
- RIBEIRO, M. F. **A música no processo constitutivo de arranjos produtivos locais**. Rio de Janeiro: Engenharia de Produção/UFRJ, 2010.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SCHAFER, R. M. **The soundscape**. Londres: Destiny Books, 1993.
- SIMMEL, G. Metrópole e vida mental. In: VELHO, O. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- TINHORÃO, J. **História social da música social brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- THIBAUD, J.P. **Ambiances urbaines en partage**. Genève: Métis Presses, 2013.